

# Escola ou Shopping?

Laura Monte Serrat Barbosa

Um dia destes, conversando com uma educadora a quem respeito muito, comecei a pensar sobre o quanto as Escolas de Curitiba estão se deixando levar por uma atitude consumista, muito semelhante à dos *shoppings* do local.

Ela me dizia, tendo em vista as parcerias de Escolas que surgiram na cidade (em função das dificuldades financeiras pelas quais o país passa neste momento), que a Escola em que trabalha, muito embora continue sozinha, não terá problemas em relação a manter a clientela por continuar cobrando o mesmo valor de mensalidades e ainda oferecer dois esportes além dos que já existiam.

Será o espírito da "liquidação" que faz com que olhemos mais para os valores da moeda do que para os valores do ensino e da educação?

Atenta a todas as propagandas das Escolas, tenho visto outras chamadas interessantes que caminham nesta direção.

Escolas que possuem praças de alimentação, tetos envidraçados, painéis de propaganda, "professores-shows", serviços de chá, kits de apostilas, comércio de uniformes e pastas e outras ofertas que servem para mostrar ao público o quanto modernas são.

Tempos modernos, escolas modernas... Concordo que a escola não precisa ser cinza, empoeirada e sisuda para poder exercer sua função; mas enfeitar a fachada, usar o discurso da "cidadania", que já em tão pouco tempo ficou desgastado, não é o suficiente para se apresentar como uma Escola.

É preciso fazer o que se fala; pois, se isto não acontecer, neste mundo capitalista, pode ser considerado como propaganda enganosa.

Gostaria de ver as Escolas vendendo o seu produto de trabalho: o conhecimento.

O que pensam sobre o conhecimento; que conhecimentos selecionaram para ensinar a nossos filhos; de que forma vão veiculá-los; que cidadãos pretendem formar etc.

A escola do mundo moderno não precisa ser uma "mega-escola"; precisa, sim, é ser eficiente. A

relação de ensinar/aprender é muito simples, e nós acabamos por colocar tantos objetos entre os protagonistas desta relação, que ela acaba não acontecendo, ou acontecendo de forma insatisfatória.

O saber, o ser, o fazer e o compartilhar, pilares educacionais da atualidade, não estão nos objetos chamativos e nas grandes promoções; estão, sim, nas pessoas que fazem parte da ação de ensinar/aprender e naquelas que já existiram e deixaram sua marca na cultura.

Num espaço praiano, embaixo de quiosques, com pés no chão, é possível acontecer o ensino/aprendizagem, assim como num grande *shopping* também o é, e com a mesma qualidade.

Ontem, assisti na televisão, num quarto de hotel em Goiânia, que uma boneca "Barbie", autêntica, custa numa loja do centro da cidade um determinado valor e que nas lojas do *shopping* ela custa o triplo. A justificativa da lojista representante do *shopping* é a de que, ao comprar a "Barbie" no *shopping*, os consumidores estão levando junto a segurança que este oferece, a iluminação, os enfeites natalinos de qualidade, o treinamento dos balconistas, o descanso oferecido pelas escadas rolantes e o fato de ter lojas de todos os tipos num mesmo local.

Pensei... minha neta, ao ganhar esta "Barbie" irá reconhecer todos estes adendos que vêm com ela? Se eu comprar a outra "Barbie", ela vai gostar menos?

O mesmo eu gostaria que vocês se perguntassem em relação às Escolas. Será o teto envidraçado, a praça de alimentação, o chá oferecido, o modelo do uniforme, os *shows*, os painéis, os kits que melhorarão a qualidade do conhecimento e da formação dos nossos filhos?

Estas Escolas podem estar escondendo atrás de suas "vitrines" várias formas de ensino/aprendizagem e de concepção de homem e de mundo que podem não combinar com os seus valores.

Pagamos pela "perfumaria" ou pela qualidade de ensino? O que está embutido no valor da mensalidade? Serão as escolas ruins, enganadoras

por si só?

Se as Escolas oferecem todo este arsenal, não será porque nós, pais, estamos acostumados com o consumismo, já o internalizamos e deixamos-nos levar por este espírito?

As relações são dialéticas; se passarmos a valorizar outros elementos, tenho certeza de que as Escolas os terão para oferecer, na linha de frente.

Foi só o que pensei e agora deixo minhas reflexões com vocês.

In *Psicopedagogia e Aprendizagem Coletânea de Reflexões*. - Curitiba, 2002.

A paranaense **Laura Monte Serrat Barbosa** é formada em pedagogia e especializou-se no ensino de pessoas portadoras de deficiências visuais e em Psicologia Escolar e da Aprendizagem; fez a formação em Psicopedagogia e em teoria e técnicas de grupos operativos; é mestra em educação e autora de vários livros, entre eles "O Projeto de Trabalho - Uma Forma de Atuação Psicopedagógica" e "A Psicopedagogia no Âmbito da Instituição Escolar". Atualmente, trabalha na Síntese Consultórios, é membro do Conselho Nacional da ABPP; é docente do Centro de Estudos Psicopedagógicos de Curitiba e de Buenos Aires, Argentina; é professora convidada por várias instituições de ensino superior do país.

## Nesta Edição:

### ► Adaptação Escolar na Educação Infantil

por Maria Fernanda Silveira T. Borges

(Pág 02)

### ► Adaptação Escolar de Jovens Levada a Sério

por Tereza Costa

(Pág. 03)

### ► Iniciando de Forma Prática um Trabalho Psicopedagógico na Escola

por Maria Lúcia Lemme Weiss

(Pág. 04)

# Adaptação Escolar na Educação Infantil

Maria Fernanda Silveira Tognozzi Borges

Momento de viver o novo, expectativas que impõem disponibilidade, planejamento e reorganização.

Sim, porque, ao contrário do que se pensa, quando uma criança chega a uma instituição de educação infantil, na verdade, não é somente ela quem está chegando.

Com ela chegam seus familiares - os presentes e os ausentes que, às vezes, interferem nesse processo e se fazem muito mais presentes do que os presentes de fato - e toda uma série de mudanças que são desencadeadas dentro da própria instituição para receber aquela nova criança e a nova família que se inserem num sistema já em funcionamento. É natural que anseios e tensões se façam presentes.

Resultado: todos os envolvidos, direta ou indiretamente nessa chegada, passam a viver um processo de adaptação, de ajustamento a uma nova situação. Uma nova situação que se configura para a criança e sua família, para o educador, para os colegas de turma e, como não poderia deixar de ser, para a própria instituição.

Vivência delicada essa! Tão delicada e mobilizadora que algumas instituições, desconhecendo que também estão em adaptação, optam por não proporcionar essa vivência às crianças, às suas famílias e, é claro, a elas mesmas. Essas são aquelas instituições em que os pais normalmente não podem passar do portão e um brusco corte se produz, de uma hora para outra, sem aviso prévio, na vida da criança que passa a ter que, forçosamente, se acostumar com um ambiente e pessoas que nunca viu. Se para nós, "adultos já criados" como se diz, viver situações novas e inesperadas é mobilizador, imagine para a criança, que nesse momento vive o mundo basicamente através das pessoas com quem estabeleceu laços afetivos e de confiança, ou seja, mãe/pai e algumas poucas que se tornam significativas para ela.

[...]

Na verdade, ainda se questiona se essa é uma experiência positiva, válida para a criança, ou tomou-se uma experiência necessária e imposta em função das mudanças sociais ocorridas.

Além disso, outras apreensões não ditas também estão presentes.

A relação entre pais e filhos fica menos intensa? O que uma instituição de educação infantil de período integral (ou não) deve proporcionar à criança para que tenha garantido a satisfação de suas necessidades? O que se "trabalha" com crianças tão pequenas?

Todas essas inquietações, explicitadas ou não, se fazem presentes e as instituições precisam assumi-las, ter a clareza de que elas existem, mesmo quando não são faladas.

Poder trazê-las à tona e acolhê-las, dando aos familiares informações corretas, consistentes, num clima de receptividade, cuidados, amorosidade e profissionalismo, será fundamental para a consolidação de uma relação de confiança que começa a se estabelecer. O processo de adaptação, na verdade, já começa por ocasião da visita dos

pais à instituição. Esse momento será decisivo, não só em relação à escolha da instituição, como também no que se refere ao tipo de relação que será travada entre as partes interessadas.

[...]

Portanto, para que todos possam sair ganhando ao passar por essa vivência, principalmente as crianças, é importante que todos sejam apoiados, que valorizem esse momento como um momento que demanda atenção e cuidado, pois, como vimos, vivências importantes estão em jogo.

Mas, como fazer?

Essa consciência, esse processo, deve ser desencadeado pela instituição, e seu primeiro passo deve ser dado em direção à sua equipe, com ênfase nos educadores que atuam diretamente com as crianças.

Eles devem ser preparados e apoiados pela equipe técnica (psicólogo/pedagogo e psicopedagogo) que fará a ponte entre eles, as famílias e as crianças.

Esse momento pede monitoramento, pois educadores também estão mobilizados, não só pelo contato com o novo -

"É na acolhida ou na rejeição, na aliança ou na hostilidade para com o rosto do outro, que se estabelecem as relações mais primárias do ser humano e se decidem as tendências de dominação ou cooperação. Cuidar do outro é zelar para que esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz de moralização."

Leonardo Boff - Saber cuidar

e, portanto, tendo que recorrer a novos recursos internos -, mas também mobilizados por sua maior ou menor capacidade de lidar com separação.

Outra questão importante é que seu desempenho, sua capacidade de acolhimento e de estabelecer vínculos significativos, será o tempo todo testado e decisivo para o sucesso desse processo. As expectativas depositadas em sua figura são muitas.

Aqui é importante observar o desenrolar dos afetos, dos vínculos que vão permeando e se estabelecendo nessa relação educador-família-criança.

Esse é um momento que deve ser progressivo, de troca de informações sobre a rotina da instituição e os hábitos das crianças. Quanto mais pudermos conhecer sobre ela, melhor.

Ela captará um sentimento de familiaridade na forma de ser tratada e isso é fator que favorece seus sentimentos de "estranhamento" e a manutenção de sentimentos de continuidade. Essa é uma necessidade que deve ser garantida.

Em segundo lugar, a equipe técnica deverá preocupar-se com a família, pois agora é ela quem fará a ponte entre seus filhos, os educadores e a instituição.

Principalmente nessa primeira fase de vida, as emoções dos pais ainda refletem diretamente nas reações da criança. Ela ainda é muito dependente de seus olhares.

É impossível satisfazer às necessidades das crianças separadamente das necessidades dos pais.

Portanto, repercussões efetivamente positivas de nosso trabalho, em relação à criança, só teremos se os pais se sentirem cúmplices da escola nesse processo. E isso dependerá, em boa parte, de como a família será acolhida pela instituição.

[...]

Sair-se bem nesse processo, para a criança, é sinônimo de poder ficar mais forte, mais madura e confiante. É poder ser marcada por um regime bom, que a leve a ter uma maior disponibilidade para entrar em contato com o mundo, vendo-o como um lugar onde vale a pena estar e experimentar, onde se expor para o novo não é doloroso ou comprometedor.

É poder envolver-se com o novo (educador/ colegas) experimentando novas formas de ver e sentir, sem que, para isso, o já conhecido (pais/familiares) perca espaço em seus afetos. É poder expandir, mas com acolhimento e confiança sempre presentes, para que haja estabilidade e integração.

Temos que ser especialistas em saber cuidar das crianças de 0 a 6 anos, sabendo que esse processo exige profissionalismo e conhecimento, pois aqui também já temos objetivos pedagógicos a serem atingidos.

Temos como objetivo educar para o novo, educar para o convívio em grupo e para socialização[...]

[...]Portanto, adaptação com ambivalências, com choro ou sem choro, com lamento ou sem lamento, com dengo, com riso, com resistência a deixar crescer...

Que seja como for, mas que seja vivida, elaborada e assumida!

In **A práxis na formação de educadores infantis**. (org.) Regina C. Souza - Maria Fernanda S. Tognozzi Borges. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

**Maria Fernanda Silveira Tognozzi Borges** é Psicóloga Clínica e Escolar, Pós-Graduada em Ed. Infantil-PUC, Especialista no Atendimento Familiar, Dinamicista de Grupo, Diretora do Espaço de Formação do Educador Infantil.

O texto acima foi extraído de **"Adaptação Escolar - Quando crianças de 0 a 6 anos ingressam em escolas infantis"**, e pode ser lido na íntegra em:

<http://www.construirmoticias.com.br>  
(palavra-chave: "Tognozzi Borges")

## Interessantes...

Sites

Como sempre, este espaço oferece dicas de sites do interesse dos profissionais de educação, psicologia e psicopedagogia. Estes endereços eletrônicos contêm material para pesquisas diversas: leis, notícias, eventos, matérias e entrevistas. Visite-os!

- [www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org) (Instituto Paulo Freire)
- [www.profissaomestre.com.br](http://www.profissaomestre.com.br) (Profissão Mestre On Line)
- [www.psicopedagogia.com.br](http://www.psicopedagogia.com.br) (Psicopedagogia On Line - Educação & Saúde Mental)
- [www.espacowinnicott.com.br](http://www.espacowinnicott.com.br) (Estudos em Psicanálise e Cultura)

## Expediente:

**Informativo Psicopedagógico**

Uma publicação do **GESPPMA** - Grupo de Estudos de Psicopedagogia de Maceió/AL  
Responsáveis: Eliane C. Cansanção e Salvione K. Tenório

Diagramação: Emmy Matias

Tiragem: 200 exemplares

Edição: Bimestral (Fev-Mar/04)

Informações: (82) 223.4258

# Adaptação Escolar de Jovens Levada a Sério

Tereza Costa  
Pedagoga

Durante o período que antecipa as aulas, os pais dos alunos voltam sua atenção para a escolha da escola a qual irá confiar a educação de seus filhos. Os alunos, a princípio, apresentam-se empolgados pelas compras do material escolar. Mas quando tudo parece estar bem, alguns jovens desencadeiam um comportamento de estranheza aos olhos dos pais: resistência na hora de ir ao colégio, apatia na sala de aula, enfrentamento dos educadores, resistência às regras adotadas, chegando até em certos casos, a fazer pedido expresso aos pais para que os retirem da escola, local anteriormente desejado.

É chegada a hora de informar aos pais e educadores, que a adaptação do estudante deve ser levada a sério, exigindo de nós mais atenção a sintomas que eventualmente ocorram.

Um aspecto a ser considerado diz respeito à administração do tempo. Durante as férias, deve-se oportunizar o descanso adequado e ao se aproximar o período letivo, ir aos poucos reorganizando os horários de dormir, bem como os hábitos alimentares, evitando possíveis impactos no início do ano letivo.

Quando, diante dessa situação, os pais sentirem-se "impotentes", devem buscar ajuda na

equipe pedagógica da escola ou dispor do auxílio de um especialista: um psicólogo ou psicopedagogo.

Afinal, confirmar que os jovens superaram as dificuldades, as aflições e os medos no ambiente escolar, proporciona aos familiares, educadores e alunos um conforto necessário para dar continuidade ao processo de aprendizagem com harmonia.

## sugestões de leitura



### O Início da Vida Escolar - da separação à independência

Autora: Nancy Balaban Editora: Artes Médicas  
A autora aborda o início da vida escolar e oferece suas informações como uma ajuda para os professores, com a profunda convicção de que este importante processo de adaptação na educação infantil pode ser uma fonte de crescimento, positivo para qualquer pessoa envolvida — professores, crianças e pais.

### Aprender tem que ser gostoso

Autora: Maria Augusta Sanches Rossini Editora: Vozes  
Nesta obra, a autora mostra quanto a educação está ligada à emoção, à motivação, ao bem-estar do educando. Colocando através de uma linguagem acessível e de forma clara e objetiva, as necessidades básicas do ser humano, que não podem ser deixadas de lado ou agredidas pelo educador. Ao contrário, elas devem estar aliadas à aprendizagem como fontes motivadoras.



### Sabores, cores, sons, aromas A organização dos espaços na educação infantil

Autora: Maria da Graça Souza Horn Artmed Editora



A autora consegue demonstrar com clareza e de forma didática, o processo de transformação vivenciado por algumas professoras, através de mudanças introduzidas na organização do espaço e de novas interações e reflexões realizadas por elas sob a coordenação da supervisora pedagógica, deixando claro que há de educar o educador para que ele eduque seus alunos.



COMPETÊNCIA  
E DEDICAÇÃO

Só quem oferece a melhor educação do Maternal ao Ensino Médio poderia aprovar tanto no vestibular!

Faça parte desta família!

• Educação Infantil

• Ensino Fundamental

• Ensino Médio

Unidade I – Lad. Prof. Benedito Silva, 134 – Bebedouro – Tel.: (82) 241.6856

Unidade II – Lot. Sta. Amélia, Qd. A, nº 11 – Tab. do Martins – Tel.: (82) 314.1957

Unidade III – Rua Luiz Rizzo, 994 – Farol – Tel.: (82) 241.1372

# Iniciando de Forma Prática um Trabalho Psicopedagógico na Escola

**Maria Lúcia Lemme Weiss** - pedagoga, psicopedagoga

Acreditamos que o ponto de partida estará na reflexão individual e grupal sobre as próprias aprendizagens e sobre o que a escola produz. A seguir, impõe-se a necessidade de estudos teóricos sobre áreas de conhecimento que elucidam a questão da construção do conhecimento em suas diferentes facetas: cultural, cognitiva, emocional, lingüística etc.

Operacionalmente, faz-se necessária a organização de grupos operativos para vivenciar o aprender a aprender em todas as suas vertentes, complementado por grupos de estudo, dentro das possibilidades de cada escola.

A temática inicial dos grupos poderia estar relacionada a questões como, por exemplo: Como foi minha alfabetização? Que prazer e dificuldades encontrei? Como me sentia no estudo da leitura, escrita, matemática, inglês, história etc? Cada educador pode mergulhar no seu processo de aprender, levantando raivas, medos e prazeres vivenciados e que consegue trazer ao momento presente, relacionando-os com sua atuação como ensinante. Relembrando exigências, proibições e permissões, estará o educador fazendo um recorte do seu ambiente sócio-cultural de aprendizagem escolar e possíveis transposições para o "aqui e agora" da escola presente. Por exemplo, qual o significado, para o aluno, de ser retirado de uma aula de laboratório, porque esqueceu o jaleco? Aprender

ciências é algo ligado a uniforme? O prazer de buscar o conhecimento é agredido por uma norma disciplinar que impede o acesso ao próprio conhecimento proposto. Não existirão outros recursos de disciplina escolar que não interfiram no prazer de aprender?

A trajetória do passado ao presente de certo modo delinea o entendimento do presente e o umbral do futuro. O trabalho psicopedagógico dará ao educador subsídios para discernir, no fracasso escolar do aluno, o que é seu enquanto ensinante, o que é da escola enquanto instituição de promoção da construção do conhecimento, o que é do aluno-aprendente, tudo isso dentro de um marco sócio-político-cultural. Com essa perspectiva mais ampla, é possível discernir melhor as variáveis de fracasso escolar, trabalhando-as isoladamente ou em conjunto, de acordo com as exigências de cada caso ou situação.

Nesse processo vão se quebrando estereótipos que dominam a vivência escolar e enfrentando os chamados "dilemas" que Bleger considera como "a forma defensiva extrema dos conflitos, onde as opções irreconciliáveis deixaram de estar dinamicamente em jogo". Os conflitos existentes e não detectados pela equipe escolar acabam na sala de aula, deteriorando o processo dinâmico de ensino-aprendizagem, e mais uma vez, o prejudicado é o aluno-aprendente. É fundamental

transformar as ambigüidades em conflitos e os conflitos em problemas, para que possamos trabalhar na busca e na construção de soluções adequadas.

Quanto mais a escola fizer a sua auto-avaliação, quanto menos mantiver estereótipos e ambigüidades, mais ela livrará o aluno de ser o responsável pelo fracasso em sua aprendizagem.

Estamos propondo um trabalho psicopedagógico voltado simultaneamente para a intrasubjetividade e para a intersubjetividade. O tempo necessário para a movimentação interna de cada grupo e/ou de cada sujeito é bastante diferente e deve ser considerado como variável fundamental no desenvolvimento desse trabalho.

Extraído de: *Psicopedagogia Institucional: Controvérsias, Possibilidades e Limites..*  
In *A Práxis Psicopedagógica Brasileira*.  
ABPp - São Paulo. Jun/1992.

## A Escola

Paulo Freire

"Escola é...

o lugar onde se faz amigos  
não se trata só de prédios, salas, quadros,  
programas, horários, conceitos...  
Escola é, sobretudo, gente,  
gente que trabalha, que estuda,  
que se alegra, se conhece, se estima.  
O diretor é gente,  
O coordenador é gente, o professor é gente,  
o aluno é gente,  
cada funcionário é gente.  
E a escola será cada vez melhor  
na medida em que cada um  
se comporte como colega, amigo, irmão.  
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.  
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir  
que não tem amizade a ninguém  
nada de ser como o tijolo que forma a parede,  
indiferente, frio, só.  
Importante na escola não é só estudar,  
não é só trabalhar,  
é também criar laços de amizade,  
é criar ambiente de camaradagem,  
é conviver, é se 'amarrar nela'.  
Ora, é lógico...  
numa escola assim vai ser fácil  
estudar, trabalhar, crescer,  
fazer amigos, educar-se,  
ser feliz."

## Cursos 2005

### PROGRAME-SE!

Em nossa próxima edição, o GESPPMA estará divulgando a data do **I Seminário de Psicopedagogia de Maceió**, que terá como tema **Da Família à Escola**, e contará com a participação da psicopedagoga **Elizabeth Polity**. Aguarde!  
[Mais informações pelos tels.: (82) 223.4258 / 9301.1372]

### Participe dos Grupos de estudo

- **Psicanálise e psicopedagogia**
- **Inclusão escolar**
- **Desenvolvimento da criança e do adolescente**

Periodicidade: Encontros quinzenais, durante 1 ano, das 19h às 21h, em dia a ser combinado pelo grupo.  
Valor mensal: R\$ 60,00 (sessenta reais) por pessoa.  
Informações: Rua Virgínia de Campos, 242 Farol - Maceió/AL  
Tel.: (82) 223.4258 / 336.4135 (falar com Sandra)

Dirigido a: professores, psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos e outros profissionais da área de saúde e educação.  
Início: março/2005  
Coordenação: Eliane C. Cansanção

**VAGAS LIMITADAS.**

### Mestrado e Doutorado em Psicopedagogia

O GESPPMA - Grupo de Estudos de Psicopedagogia de Maceió - informa que a UNISA (Universidade de Santo Amaro) está programando para 2005 a realização dos cursos de mestrado e doutorado em Psicopedagogia.

Para maiores informações, os interessados deverão entrar em contato com **Eliane Calheiros Cansanção**, pelos Tels.: (82) 223.4258 / 336.4135, em horário comercial.

### Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica (4ª Turma)

CESMAC - ASPPE - CISE

Informações: 215.5034 - e-mail: [asppe@fejal.com.br](mailto:asppe@fejal.com.br) - Site: [www.fejal.com.br](http://www.fejal.com.br)